



JUNTOS PELO FIM DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Cazenquinha

Jornal Quinzenal - Edição n.º 08 Ano 1 - Distribuição Gratuita

A Campanha Juntos Pelo Fim da Violência Doméstica busca envolver homens e mulheres em um esforço para:

- Questionar as desigualdades existentes entre homens e mulheres na família e na sociedade;
- Incentivar o diálogo dentro das famílias;
- Prevenir a violência doméstica.

A mensagem central da campanha é que **juntos**, todos os angolanos e angolanas podem resolver os problemas e conflitos familiares através do diálogo e do respeito, sem recorrer à qualquer tipo de violência, seja ela física, sexual, psicológica ou económica.



Marcha em solidariedade às vítimas de violência doméstica parou a Av. Ngola Kiluanje



Somos felizes porque partilhamos!



Activista de honra
Tito da Cruz

Os homens também estão contra a violência"
(Luís Kongo)





Chegamos ao fim da nossa Campanha! Ufh...

Apesar dos desafios da jornada foram muitas as alegrias partilhadas com a comunidade.

Para nós, organizações parceiras da Campanha, o saldo é positivo e gostaríamos que fosse igualmente positivo para cada pessoa do Bairro 11 de Novembro.

Este é um momento de agradecimento. Agradecemos a USAID The Respond Project, UCF e FOJASSIDA que nos permitiram realizar este projecto, a todas as organizações que ao logo do projecto se juntaram a nós, as Igrejas e Colégios que abriram as suas portas a nossa Campanha, aos nossos Pontos de Distribuição e a cada pessoa que foi tocado pelas mensagens da Campanha e teve coragem de partilhar. Um agradecimento especial à todos os activistas, protagonistas desta campanha, que levaram as nossas mensagens a cada casa do Bairro 11 de Novembro.

Esperamos que a “semente plantada” pela campanha encontre terreno fértil e germine, para que possamos todos colher bons frutos. Agora é a hora de você fazer a tua parte!

Ficha Técnica

Propriedade:
Projecto Respond / EH.

Paginação:
André Suamino

Redacção:
Analtina A. Guimarães
Aoaní d’Alva

Tiragem:
6000 Exemplares

Revisão:
Daniel Lima; Delma
Monteiro; Fábio Verani

Impressão:
EAL
Edições de Angola Lda.

Nesta edição do Fala então, uma das organizações parceira da Campanha fala sobre o porque da adesão a Campanha e alguns participante da marcha falam sobre o porque que participaram da marcha, se já conheciam a Campanha e sobre o que acham que deve ser feito para acabar com a violência doméstica. Os homens, falaram ainda sobre o porque que acham importante a participação deles na marcha.



JULIANA FELICIANO

Porque aderiram a esse projecto?

Pelo facto dos números de casos de violência doméstica registados na nossa comunidade terem subido muito. É um projecto que tem informações importantes, para fazer compreender a comunidade as complexas causas da violência doméstica. Vimos que a VD surge na divisão de tarefas atribuída pela sociedade aos homens e as mulheres. Também o facto de muitos homens crescerem observando actos de violência e que muitos pais também caracterizam tais situações como uma norma a seguir quando dizem: agir como homem.

Que impacto acha que tiveram até agora?

O impacto é que, em primeiro lugar, temos 40 activistas formados em como lidar com violência doméstica, alguns dos activistas que participaram da formação mudaram o seu comportamento e atitudes negativas. Com as informações transmitidas e o material distribuído a população tem um maior conhecimento sobre o que é a violência doméstica, os seus tipos, causas e lugares onde ocorrem. A população já está a ter o hábito de denunciar casos de violência.

Qual a importância dessa marcha e dessa Campanha?

Isso representa a união. Significa que nós estamos a lutar pela mesma causa temos os mesmos objectivos. E fazer compreender a comunidade que afinal a violência não resolve nada e os nossos problemas não podem ser resolvidos com violência, que o dialogo é a melhor via. Razão pela qual o nosso lema é juntos pelo Fim da Violência Doméstica.



ANTÓNIO BERNARDO

Neste país a violência está muito activa, então sempre que há campanha do género, para minimizar a violência, eu participo. Não conhecia esta campanha. Um amigo meu deu-me o panfletogostei e resolvi participar.

Aqui temos mesmo que conversar mais e procurar se controlar quando estamos com raiva. Falar resolve mais do que bater, não podemos nos exaltar a toa. Acho que é importante os homens participarem porque os homens têm que ter consciência que bater em mulher é uma coisa muito feia, a violência é uma coisa muito má. Então temos que participar e dar o nosso contributo.



RAQUEL SILVA

Eu vim a marcha para mostrar aos homens que a violência é uma coisa muito feia. E as mulheres que estão nessa situação para não terem medo de falar. Se elas tiverem uma esquadra próxima, devem denunciar.

Já conhecia sim a Campanha, já ouvi falar muitas vezes. Em frente a minha casa tem cartaz colado e já me abordaram na rua para entregar o jornal. Acho que quando passamos por essa situação de violência doméstica, devemos correr a esquadra mais próxima e conversar com as pessoas mais próximas.



ADÉRITO DIVALDO

Acho que foi uma boa iniciativa por parte dos organizadores, acho bonito. É de se louvar. Já conhecia a campanha. Nas últimas semanas alguns activistas têm passado pela escola, eu como sou

professor acabei por tomar conhecimento. Para acabar com a violência devem ser feitos projectos como este de sensibilização para melhorar o entendimento do problema. Creio que é bastante importante a participação dos homens, até porque somos nós os mais abusadores. Assim podemos mostrar que também estamos aqui para ajudar.



ERMELINDA

Vim participar porque há muitas mulheres que quando são agredidas não têm coragem de falar sobre o assunto. Viemos para essa

marcha para dar coragem a essas mulheres, para que elas tenham coragem de falar e de denunciar. Já tinha ouvido falar da Campanha. Lá na rua têm estado a dar jornal e também as pessoas comentam. Para acabar com a violência deve ser feito mais campanhas mesmo. Dar folhetos na rua, falar sobre a violência doméstica, é muito importante.

FRANCISCO DOMINGOS

Vim a marcha porque a primeira coisa que odeio na minha vida é a violência doméstica. Já tinha ouvido falar da campanha, lá mesmo no bairro.

Para acabar com a violência devemos seguir os conselhos que os nossos pais nos dão, tentar dialogar mais, evitar atitudes extremas. É importante os homens participarem porque neste caso o causador de violência doméstica somos nós os homens. Estamos a marchar para mostrar que estamos concentrados e que estamos a dar o nosso melhor para a violência acabar.



PATRICIO SEBASTIÃO

Eu vim a marcha porque quero radicalizar a luta contra a violência doméstica. Pese embora já vivamos em paz, as mulheres e as crianças continuam a ser vítimas. Então o meu objectivo aqui é sensibilizar e consciencializar as pessoas para que nós diminuamos os níveis de violência doméstica.

Eu via pela rua panfletos e t-shirts, mas agradeço a oportunidade que me foi dada para contribuir nesta actividade sobre a luta contra a violência doméstica. Para acabar com a violência eu acho que as pessoas devem se consciencializar. Devem manter o diálogo porque ele é a base de tudo. Sem diálogo, a violência vai ser difícil de ser combatida.

É importante os homens participarem porque nós temos culpa no cartório. Devemos mostrar que estamos dispostos a mudar e a lutar pelo fim da violência doméstica. Acho que participando teremos resultados mais eficaz e positivo.



SANDJAMBA MPOIO

Líder comunitário - ONG

Eu vim a marcha com uma preocupação: fazer desaparecer a dita violência doméstica.

Já conhecia a campanha desde o primeiro dia.

Para acabar com a violência devemos procurar har-

monizar a conversa, perdoar um ao outro para que isso não aconteça. Quando há VD, muita gente sofre. A mulher deve ser considerada como tesouro da humanidade.



ANA MARIA CALOMBE - PMA

Eu vim a marcha porque pertenço a Plataforma Mulheres em Acção, porque é muito importante para as pessoas saberem o que é a violência e que com o diálogo na família podemos evitar muitas formas de violência. Muitos acham que a violência é só bater, ferir alguém... Mas temos vários tipos de violência. Então essa companha vem ajudar a mobilizar e a fazer entender as pessoas o que é a violência e a saber também que na briga de marido e mulher nós devemos meter a colher.



AFONSO MANUEL – OCODE

Vim juntar-me a esta iniciativa contra a violência doméstica e passar a mensagem a comunidade do Cazenga. Tive o conhecimento dessa campanha através da Delma Monteiro, uma das coordenadoras do projecto. Para acabar com a violência devemos promover os direitos humanos e expandir mais a mensagem da paz na comunidade em todos os bairros do Cazenga.



CONCEIÇÃO GASPAR Professora do Colegio Verdinhas do futuro

É a primeira vez que oiço falar da campanha. É de louvar a iniciativa, agradecer todo empenho e dar o nosso contributo. Para acabar com a violência devemos em primeiro passar mais informação, mais publicidade e também mais diálogo sobre o assunto com a nossa população.

LUIS KONGO

Vim porque na qualidade de professor, também devo contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Já ouvi falar desta campanha no bairro 11 de Novembro, há um bom tempo. Para acabar com a violência doméstica pre-



cisamos de três coisas: do diálogo, da tolerância e da denúncia. Porque há muita gente que não sabe que na qualidade de vizinho ou familiar devemos denunciar situações de violência porque é um crime público. É muito importante a participação dos homens para dizermos que também estamos contra a violência e que vamos contribuir para terminamos com a violência doméstica!

ANA CAMPOS

Coordenadora da Rede de Mulheres do Município do Sambizanga

Fui convidada e temos participado em muitas palestras e várias conferências sobre violência doméstica.

Já tinha ouvido falar da campanha. Para acabar com a violência devemos mobilizar a população, mostrar os tipos de violência e dar a conhecer que a violência doméstica é crime.

AGOSTINHO PAULO

Vim a marcha porque o nosso colégio decidiu dar a sua contribuição para o fim da violência doméstica.

Não conhecia a campanha mas o nosso colégio ouviu falar da marcha e sendo jovens do Cazenga decidimos nos juntar a marcha. Para acabar com a violência actividades como esta devem ser repetidas e todo mundo que vivenciar qualquer tipo de violência deve denunciar porque a violência agora é crime. É importante a participação dos homens porque na maior parte dos casos o homem é o agressor e portanto, eles têm que mostrar que estão conscientes de que estão a cometer um crime quando praticam violência doméstica.

JANILDA ELISANDRA

Vim à marcha para que possamos pôr fim a violência doméstica.

Conhecia a campanha através de alguns debates que tivemos sobre este tema no colégio.

Para acabar com a violência entre as famílias deve haver mais conversa.



JOÃO E ZINHA RESPONDEM

Olá leitores e leitoras do Cazenguinha!

Nesta edição, a última do Cazenguinha, decidimos partilhar com vocês um pouco da nossa estória. As ideias que temos hoje sobre a igualdade entre homens e mulheres, sobre a violência e como devemos nos posicionar perante ela, foi um aprendizado ao longo de vários anos.

Zinha: Como enfermeira, sempre trabalhei por turnos e isso me impedia de estar em casa em horários fixos. Tinha que acordar muito cedo para deixar as refeições feitas, apanhar água e limpar a casa. Estava sempre cansada e mal-humorada. Até a boa disposição do João, que estava sempre relaxado e alegre, me incomodava.

João - Já eu como professor sempre tive um horário fixo. Dou aulas de manhã e tenho as tardes e as noites livres mas, quase nunca podia sair com a Zinha. Se ela não estava a trabalhar estava a cuidar das tarefas domésticas. Quando terminava, estava sempre cansada e mal-humorada. Mas **tudo melhorou quando decidimos fazer juntos**. A Zinha começou a relaxar mais e voltou a ser alegre. Começou a encerrar o trabalho dela com mais prazer e profissionalismo. Sem o peso das responsabilidades domésticas a atrapalharem até foi promovida no serviço.

Zinha - O João nunca foi preguiçoso mas também não sabíamos que as responsabilidades da casa deveriam ser partilhadas e que não há nenhuma tarefa específica para a mulher ou para o homem. Hoje ele ensina isso aos alunos dele mas, quando começamos a agir assim todos nos criticaram. Até hoje muita gente comenta e chama o João de fraco. Ele sentia muita vergonha e eu me sentia culpada por saber que o facto dele ajudar nas tarefas doméstica, fazia com que ele perdesse o respeito da comunidade.

Quando conhecemos a UCF, o Fojassida e os



activistas da Campanha Juntos pelo fim da Violência Doméstica, muitas dúvidas foram esclarecidas e isso aumentou a nossa vontade de partilhar as tarefas domésticas. A chegada do Zezito fortaleceu a nossa união e abraçamos juntos a tarefa de amar, cuidar e proteger o nosso filho.

Como todas as famílias, temos as nossas tensões e problemas mas não há espaço para a violência. Aprendemos com as nossas experiências que **onde há violência todo mundo perde** e não é isso que queremos para nós. Vemos todos os dias a diferença entre a nossa família e as outras da nossa comunidade e sabemos que **somos felizes porque partilhamos** tudo. Tristezas, alegrias, problemas, medos, incertezas, planos para o futuro... e é assim que queremos educar o nosso filho.

Esperamos que a nossa participação na Campanha Juntos pelo Fim da Violência Doméstica tenha te ajudado a compreender um pouco mais sobre o assunto e a transformar a vida dos munícipes do Cazenga.

Até Breve!



Activista de honra!

O Tito, como e carinhosamente chamado pelos colegas, destacou-se durante a Campanha pela sua determinação. Nunca faltou aos encontros dos activistas e participou activamente na distribuição de materiais e nas visitas domiciliárias. As ruas esburacadas e lamacentas do Bairro 11 de Novembro

foram facilmente vencidas pela sua cadeira de roda e seu coração persistente. Ao fim de cada jornada a alegria do dever cumprido estampada em seu rosto, ofuscava o cansaço da jornada. Por seu carisma e determinação a Campanha Juntos pelo Fim da Violência Doméstica o elegeu Activista de honra!

Nossa Campanha

Em briga de marido e mulher nós metemos a colher



A Marcha em solidariedade as Vítimas de Violência Doméstica levantou poeira na Avenida Ngola Kuluange.

No sábado, 03, de Agosto, centenas de pessoas marcharam pelo fim da violência doméstica no Cazenga. Eram 07h45, quando as pessoas começaram a chegar a escola primária 1 de Junho, local marcado como ponto de concentração. Aos poucos o pátio frontal da escola foi-se enchendo de gente. Vários jovens pediram cartolinas e marcadores para fazer os seus próprios cartazes, com frases e palavras de ordem, pedindo o fim da violência doméstica.



Adolescentes escrevendo o seu slogan para a Marcha

Três adolescentes (foto ao lado) foram as primeiras participantes a chegar para o momento de concentração para a marcha. Para manter a serenidade e a organização, as pessoas foram divididas em grupos para receberem o respectivo material, chapéus, t-shirts e cartazes com o logotipo e mensagem da campanha. Receberam ainda garrafas de água para o percurso.



Alunos do Colégio Verdinhas do Futuro no momento da concentração.

As 09:40, dez minutos depois do previsto, o grupo tomou a Avenida Ngola Kiluange, com a escolta de efectivos da polícia de Segurança e Ordem Pública e da Polícia de Trânsito. A caravana saiu da escola, contornou as obras da AV. Ngola Kiluange e seguiu rumo ao desvio do Mercado dos kwanzas.



Saída da escola 1 de Junho para entrar na Avenida Ngola Kiluange

Durante o percurso, algumas pessoas foram-se juntando aos grupo, outras, presas no trânsito que seguia na direcção contrária, pediam materiais da campanha, ao que os activistas e os participantes da marcha atenderam prontamente. Antes de se chegar ao fim da caminhada foram distribuídos cerca de 5000 desdobráveis e folhetos, mil cartazes, centenas de jornais e dezenas de bandas desenhadas.



Os Homens participaram na Marcha e deixaram claro que são contra a Violência Doméstica.

No desvio do mercado dos Kwanzas o grupo concentrou-se no passeio central onde várias pessoas subiram ao carro de som para dar o seu testemunho e fazer o seu compromisso público “Eu sou contra

a Violência Doméstica”. As 10:45, a coordenação da marcha encerrou a actividade e convidou os participantes a dispersarem.

Foi preciso cerca de 20 minutos, para que os populares

abandonassem o local.

Com essa marcha, que contou com a participação de cerca de 1200 pessoas, a Campanha Juntos pelo Fim da Violência Doméstica marca o fim das suas actividades.



Elisa, Geovânia, Conceição, Lunguela e Sebastião foram os activistas da Campanha Juntos pelo Fim da Violência Doméstica que estiveram na linha da frente da Marcha.



USAID
DO POVO AMERICANO



THE
respond
PROJECT

